

Voto de louvor e confiança

3 JUN 1966

FÁTIMA CUNHA

Educação

Em meio ao grave momento nacional em que a Nação, ave alquebrada pelas intempéries funestas que insistem em podar-lhe as asas e ceifar-lhe os olhos, tenta heroicamente alçar-se para além do espaço comum que habitam as suas congêneres-irmãs do Terceiro Mundo, torna-se imediatamente compulsório que todos nós, cidadãos brasileiros, compreendamos a grandeza do esforço e a beleza dos ideais que direcionam o vôo para as alturas. Não se trata aqui de manifestação romântica estéril, destinada à substituição imaginária de uma realidade política, econômica e social caótica por outra marcada pela utopia e pela alienação.

Isto definiria, bem o sabemos, uma ideologia em que o Poder exerce-se à custa da ignorância e alienação dos seus governados. O que pretendemos é exortar as entidades de classe à reflexão pausada e madura sobre o esforço da grande ave em seu vôo heróico, pois é comum e bem sabido que, em períodos de grande conturbação social e política, a grande diversificação de problemas que nos assolam e a crescente e constante demanda pelo nosso raciocínio acabam por pulverizar a gama de interesses específicos de cada classe em particular.

Nosso interesse mais direto e imediato concentra-se na importância do desempenho do setor educacional para que os objetivos do "vôo" possam cumprir-se. É importante mencionar agora o esforço que nos move, como Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, em direção ao aprimoramento do ensino, à democratização dos mecanismos administrativos do setor e à revalorização da ética profissional, hoje desgastada, fragmen-

tada e descreditada junto à sociedade. É velha novidade o fato de que todos encontramos na falência do Estado as justificativas para a deterioração do setor educacional, não só no âmbito deste Estado como no País. Muito menos valeria a pena debruçarmos sobre o "muro das lamentações" e nele depositarmos as amargas lágrimas de impotência, lamúrias e frustrações.

O que tem prevalecido no curto espaço de nossa administração e regido as nossas mais fundadas e coerentes atitudes é a abertura para a negociação, além de uma firme certeza de que o diálogo racional, maduro e competente tem sido a arma mais que legítima para assegurar a paz, a prosperidade e o engrandecimento do setor educacional. Temos procurado manter, ao longo desse mais que conturbado período de greves, o raciocínio lúcido e a memória alerta para que não se sobreponham aos interesses do aluno, dos estudantes em geral e da sociedade, os interesses meramente políticos e eleitoreiros que, neste ano específico, ganham viço e alimento propício à personalização individual de toda uma classe que, diga-se de passagem, mantém e guarda nobres causas e ideais. Se aqui, neste pequeno espaço, eu faço pública a manifestação de um ato de fé, que seja ele de confiança e esperança. De confiança nos nobres ideais que devem orientar a classe educacional à qual muito nos orgulhamos de pertencer, e esperança em que as reivindicações salariais da classe possam ser atendidas em tempo mais breve do que o planejado e estipulado pelo Governo, para que a dignidade do professor seja plenamente restaurada.

Entretanto, é preciso ter em mente que nenhuma História se faz aos saltos. Os movimentos, sejam eles de qualquer natureza,

se sucedem uns aos outros e se transformam no tempo. Uma olhadela para o passado recente do País já soa como bálsamo aos olhos atentos do itinerante do futuro. Os fatos são inconteste: a História recente do País está sendo escrita por mãos democráticas, o povo tem aprendido a refletir sobre as decisões e atitudes das classes governantes e, mercê de muita decepção, tem aprendido que a ele cabe o poder decisório quanto ao futuro da Pátria.

Tudo isto está sendo processado e merece o nosso registro. Por outro lado, a clarividência quanto à negatividade de medidas afoitas e intempestivas, que têm marcado a atitude dos movimentos reivindicatórios do setor educacional, há que conduzir e pautar toda e qualquer negociação, jamais perdendo de vista a realidade nacional na qual se insere o setor da educação. Não se tem como, embora fosse ideal, passar a limpo e de vez toda a história de maus tratos por que passou a educação nacional, nem pretender que todo o sistema seja alterado do dia para a noite, e muito menos apontar um verdugo utilitário, sem que isto implique prejuízo irreparável para toda a sociedade e, particularmente, para os alunos que têm sido o verdadeiro bode expiatório nesta luta entre Governo e movimentos sindicais. O aluno, em tempo algum, poderá ser tomado como refém, mesmo em benefício de sua própria causa e destino, porque ele representa o futuro desta Nação que todos queremos bem construir.

Se o grande vôo está sendo alcançado, neste momento da vida nacional, que a grande ave conduza em seu bojo o sêmem vivo da futura Pátria.